

---

**Modos de ler e ensinar Camões: Sophia, Sena, Cleonice e a  
Universidade no Brasil**

*Ways of reading and teaching Camões: Sophia, Sena, Cleonice, and  
the University in Brazil*

Sofia de Sousa Silva

*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

À memória de Cleonice Berardinelli, que me transmitiu o  
seu amor pela poesia de Camões e pela poesia em geral.  
Para Gilda Santos, incentivadora e regente do  
concerto de vozes deste ciclo camoniano.

**DOI**

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.nEsp.a1377>

**RESUMO**

Este texto pretende discutir alguns aspectos da leitura da poesia de Camões feita por Sophia de Mello Breyner Andresen a partir do seu diálogo com Jorge de Sena. Em seguida, a partir de datiloscritos encontrados no arquivo Cleonice Berardinelli do Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, estuda-se a leitura e o ensino da poesia camoniana no contexto universitário brasileiro nos anos 1960 e 1970, com foco no trabalho de Cleonice Berardinelli, em contraposição com a instrumentalização da obra de Camões durante o regime de Salazar e Caetano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Recepção de Camões; Sophia de Mello Breyner Andresen; Jorge de Sena; Cleonice Berardinelli; Universidade no Brasil.

**ABSTRACT**

This text aims to discuss aspects of Sophia de Mello Breyner Andresen's reading of Camões' poetry, based on her dialogue with Jorge de Sena. Furthermore, using typescript documents found in the Cleonice Berardinelli archive at the Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro, it studies the reading and teaching of Camonian poetry within the Brazilian university context in the 1960s and 1970s, focusing on the work of Cleonice Berardinelli, in contrast to the instrumentalization of Camões' work during the Salazar and Caetano regimes.

**KEYWORDS:** Camões in reception; Sophia de Mello Breyner Andresen; Jorge de Sena; Cleonice Berardinelli; Universities in Brazil.

Para me acercar do tema ambiciosíssimo que me propus inicialmente – o da leitura que faz Sophia de Mello Breyner Andresen da poesia de Camões –, começo tentando refazer um pouco o percurso de sua aproximação com o poeta quinhentista. E como guia elejo o diálogo travado com Jorge de Sena.

Encontra-se publicada desde 2006 a correspondência entre Sophia e Sena, a qual cobre um período que se estende desde abril de 1957, com um postal enviado de Londres por Sena, até 1978, ano da sua morte. Por diversas razões, trata-se de uma conversa entrecortada: pelas demoras de certas respostas (Sophia relata muitas vezes ter escrito, mas não ter levado a carta ao correio) assim como pela apreensão de algumas cartas pela Polícia de Investigação e Defesa do Estado português (a PIDE). Com efeito, a maior parte dessa troca de cartas se dá durante a vigência do salazarismo e os dois, mas sobretudo Sophia, estão conscientes de que a sua correspondência pode ser aberta.<sup>1</sup> Assim, além das demoras decorrentes das circunstâncias

---

<sup>1</sup> Ver, por exemplo, a carta de 14 de maio de 1966, escrita do Brasil, em que Sophia diz: “estou a contar-lhe isto tudo porque aproveito a oportunidade de pen-

da vida privada de cada um, e da interceptação das cartas pela polícia política, há os desencontros e há, sobretudo, o sentimento de ser vigiado, que impõe restrições ao que se diz, mesmo quando a carta chega ao destino. Desse modo, o contexto histórico marca profundamente esse diálogo, seja pelas referências explícitas que lhe são feitas, seja pelos silêncios.

Não é só pelos impedimentos ao diálogo dos dois que o contexto se faz presente: fala-se das restrições ao trabalho como advogado de Francisco de Sousa Tavares, marido de Sophia, da participação desta numa comissão de socorro aos presos políticos, da sua atuação na Assembleia Constituinte após o 25 de Abril; e, no âmbito das cartas de Sena, surge, já em 1962, o temor de um golpe da direita no Brasil<sup>2</sup> e, em julho de 1964, uma explícita menção ao clima de insegurança e arbitrariedade instalado no Brasil, onde o poeta vivia desde 1959, e que o leva, por fim, a buscar uma vida nos Estados Unidos a partir de 1965.

A correspondência com Jorge de Sena permite um acesso a um laboratório da escrita de Sophia nos anos 1960, onde a relação com a história se torna mais forte e mais evidente, onde a relação entre texto e contexto ganha maior relevo, onde se começa a formular com mais clareza o lugar da experiência e do testemunho e onde o legado de um poeta como Camões vai tornando-se mais nítido.

Ao longo dessa década, é Jorge de Sena, então residente no Brasil, quem produz boa parte de sua bibliografia camoniana. E a conversa com Sophia passa inevitavelmente também por uma reflexão sobre o autor d'Os lusíadas. Não há como não ver um eco da presença de

---

sar que o meu correio aqui não é aberto” (Breyner; Sena, 2010, p. 93).

<sup>2</sup> “E, no momento em que o Brasil se encaminha para uma emancipação espantosa (que nos não é indiferente), não sabemos se os Estados Unidos não propiciarão um golpe de direita” (Breyner; Sena, 2010, p. 69-70).

Sena, e talvez em particular do conto “Super flumina Babylonis”, e do poema “Camões dirige-se aos seus contemporâneos”, por exemplo, no poema “Camões e a tença”, que Sophia publica em 1972, ano da comemoração do quarto centenário da publicação d’Os lusíadas.

De Camões, o que nos parece ser a principal lição recolhida por Sophia é a que ela assim descreve num ensaio que dedica ao poeta: “Camões encontra e constrói a objectividade da língua portuguesa. E cria a ressonância e o eco, encontra o justo peso das sílabas, o espaço do silêncio, a articulação justa” (Andresen, [s. d.], p. 153).

Desse modo, a presença frequente do verso decassílabo na obra de Sophia é um testemunho da presença camoniana. E poderíamos ler o elogio que faz no “Poema de Helena Lanari”, de Geografia, de 1967, como uma herança dessa dicção onde se sobressai o justo peso das sílabas.

#### POEMA DE HELENA LANARI

Gosto de ouvir o português do Brasil  
Onde as palavras recuperam sua substância total  
Concretas como frutos nítidas como pássaros  
Gosto de ouvir a palavra com suas sílabas todas  
Sem perder sequer um quinto de vogal

Quando Helena Lanari dizia o ‘coqueiro’  
O coqueiro ficava muito mais vegetal  
(Andresen, 2010, p. 517).

Quando recuperam a sua substância total, as suas sílabas todas e sobretudo as suas vogais todas, as palavras são “concretas como frutos nítidas como pássaros”. O poema é, aliás, tema de um ensaio de Eucanaã Ferraz publicado no número 9 da revista *Relâmpago*, de outubro de 2001. Na leitura que faz em suas aulas desse poema, Jorge

Fernandes da Silveira nos leva a pensar que, quando Helena Lanari dizia o “coqueiro”, o coqueiro ficava muito mais vegetal porque então se tornava um coqueiro cultural, feito de palavra. Até a sua própria condição vegetal se intensifica a partir da nomeação.

\*\*\*

Se há, para Sophia, uma lição particular de Camões, uma questão, no entanto, anuncia-se a respeito desse poeta e ainda a respeito do próprio Jorge de Sena. Sophia lhe escreve em março de 1961, dizendo: “em toda [a sua poesia] há como que o testemunho de que o poeta é o homem que não perde a coragem com a qual nasceu” (Breyner; Sena, 2010, p. 39).

E ainda:

a sua poesia reunida aparece com uma densidade sem repetição e sem desfalecimento, numa unidade construída ponto contra ponto desde a primeira até a última palavra.

Que esta unidade tenha sido vivida e ‘existida’ é o que me maravilha. Há no livro um espantoso ‘fazer face’ que é o testemunho dum mundo onde a poesia foi a única liberdade e o poeta foi chamado a assumir todo o seu destino (Breyner; Sena 2010, p. 39).

É nítida a afinidade com os termos do célebre prefácio de *Poesia I*, de Jorge de Sena, datado de 27 de março de 1960, em que ele cria a noção de testemunho, que, contraposta a fingimento, estabelecerá um eixo para a sua poesia (Sena, 1961). Talvez esse fazer face, essa coragem, esse testemunho sejam justamente o ponto que une a leitura que Sophia faz de Camões, poeta das verdades puras que não são fábulas sonhadas, que valoriza o saber de experiências feitas e o ver claramente visto, da que faz do próprio Jorge de Sena, leitor de Camões.

No seu poema “Camões e a tença”, ela se refere ao poeta como “quem ousou seu ser inteiramente” (Andresen, 2010, p. 592). Talvez isso possa tornar-se mais claro se compreendermos o que seria o conceito de testemunho que está em questão nessa correspondência com Sena. Numa carta de março de 1961, comentando *Metamorfoses*, de Sena, livro publicado havia pouco, ela diz: “não creio em subjectivismos: há uma experiência que é comum que é ‘a’ experiência e por isso a reconhecemos dita de obra em obra, aprofundada de obra em obra” (Breyner; Sena, 2010, p. 79).

É decerto isso a que chama “a experiência” que encontra em Camões que os termos empregados para se referir à poesia de Sena podem ajudar a esclarecer. Se Camões é quem ousou seu ser inteiramente, o *ser* aqui diz tempo, história, contexto, paixão. Mas a palavra-chave talvez seja inteireza, que surge no advérbio *inteiramente*.

#### Camões e a tença

Irás ao Paço. Irás pedir que a tença  
Seja paga na data combinada  
Este país te mata lentamente  
País que tu chamaste e não responde  
País que tu nomeias e não nasce

Em tua perdição se conjuraram  
Calúnias desamor inveja ardente  
E sempre os inimigos sobejaram  
A quem ousou seu ser inteiramente

E aqueles que invocaste não te viram  
Porque estavam curvados e dobrados  
Pela paciência cuja mão de cinza  
Tinha apagado os olhos no seu rosto

Irás ao Paço irás pacientemente  
Pois não te pedem canto mas paciência

Este país te mata lentamente  
(Andresen, 2010, p. 592)<sup>3</sup>.

É curioso notar que esse poema “Camões e a tença” teve uma primeira versão em que este verso era “A quem ousou mais ser que a outra gente” (Andresen, 1975, p. 258), só depois modificado para “A quem ousou seu ser inteiramente”, expressão muito mais fiel ao espírito de Sophia, e que deixa de lado a comparação e, com ela, possivelmente o tema camoniano da inveja, palavra com que o poeta termina *Os Lusíadas*.

Mas o problema da “outra gente”, nos termos de Sophia, o dos “contemporâneos”, nos termos de Sena, não deixa de persistir na recepção da obra de Camões, em particular durante boa parte do século XX, tempo que Sophia e Sena viveram. No livro *Portugal, maio de Poesia 61*, Jorge Fernandes da Silveira nos mostra um exemplo da transformação dos versos camonianos para servir aos propósitos colonialistas do regime de Salazar. E leio um fragmento de um livro de *História de Portugal* para a quarta classe, recuperado ali. Como se trata de texto de difícil acesso hoje, isso nos levará a fazer uma citação complexa a partir do modo como aparece nas páginas do livro de Jorge Fernandes da Silveira:

---

<sup>3</sup> Esse poema é objeto do artigo de Virgínia Boechat publicado na revista *Abril* em 2010. A relação de Sophia com Camões é também objeto do artigo de Isabel Almeida publicado em 2013. Ambos se encontram na bibliografia ao final deste texto.

nas páginas que vão seguir-se contamos-te uma história, a história de uma pátria:

E que Pátria!  
A mais formosa e linda  
Que ondas do mar  
E luz do luar  
Viram ainda!

Mas essa história não foi imaginada, não foi feita por um contista. Foi feita, sim, por Homens de raras virtudes. Não foi escrita com penas, mas com acções. Esses homens sofreram, lutaram, morreram para que tu possas dizer bem alto e com orgulho:

SOU PORTUGUÊS!

A história que vais ler é a história da tua Pátria, a história de um POVO que nasceu pequeno, cresceu e tornou-se grande, tão grande que o mundo todo foi pequeno para conter os seus feitos, porque:

Se mais mundo houvera, lá chegara.

É a HISTÓRIA DE PORTUGAL (Carvalho, s. d., p. 4 *apud* Silveira, 1986, p. 45).

A esse respeito, comenta Jorge Fernandes da Silveira:

aqui a ideologia veiculada é a do português forte e patriota por natureza. Decerto este desrespeito pela cultura, louva, por via transversa, a acção da censura. Afinal, letras e artes não valem nada... Apagadas as marcas dos escritores, ofendido o seu trabalho, os versos de Camões, deliberadamente tornados 'surdos' e 'endurecidos', estão também a dirigir o colonialismo mental e, literalmente, político do regime (Silveira, 1986, p. 46).

E, a seguir, compara a sequência do livro elogioso da história colonial de Portugal com *Os lusíadas*, partindo do seguinte fragmento:

os Portugueses, ao iniciarem a epopeia dos descobrimentos e conquistas, não tinham em vista somente o alargamento territorial; animava-os, também, o ardente desejo de espalhar a doutrina cristã entre os povos que iam pertencendo à comunidade portuguesa. Ao lado do soldado e do marinheiro, seguia o missionário. Enquanto que o soldado impunha a presença de Portugal, através da língua, dos usos e dos costumes, o missionário procurava conquistar as almas para Deus. Os seus métodos eram suaves e baseavam-se na bondade. Tratavam os doentes, amparavam os velhos e acarinhavam as crianças. Só assim se compreende que um país tão pequeno, como era Portugal, criasse um tão grande Império.

A nossa língua e as nossas leis, baseadas na igualdade de direitos entre ocupantes e ocupados, fizeram desses povos, de raças tão diferentes, uma nação única, indivisível, apesar do seu território estar espalhado pelas cinco partes do mundo (Carvalho, s. d., p. 64 *apud* Silveira, 1986, p. 46).

Para em seguida mostrar que se trata de “um pastiche dos versos camonianos”:

As armas e os barões assinalados  
Que, da Ocidental praia Lusitana,  
Por mares nunca de antes navegados  
Passaram ainda além da Taprobana,  
E em perigos e guerras esforçados  
Mais do que prometia a força humana,  
E entre gente remota edificaram  
Novo Reino que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas  
Daqueles Reis que foram dilatando  
A Fé, o Império, e as terras viciosas  
De África e de Ásia andaram devastando  
E aqueles que por obras valerosas  
Se vão da lei da morte libertando:  
[...] (*Lus.*, I, 1-2).  
(Silveira, 1986, p. 46-47).

É impressionante notar o uso de um vocabulário camoniano como “desejo ardente”, “espalhar” e, ao mesmo tempo, a supressão das armas que aparecem logo nos primeiro verso d’*Os Lusíadas* – “As armas e os barões assinalados”. Note-se que, segundo esse livro, os soldados se impunham pela língua, os usos e os costumes, e nunca pelas armas.

A poesia de Camões, poeta célebre pela junção de elementos contraditórios – e lembro mais uma vez as observações de Jorge Fernandes da Silveira sobre a triste e leda madrugada, o fogo que arde sem se ver, o engenho e arte, o lascivo e doce passarinho entre tantos outros exemplos –, é justamente o contrário de uma propaganda, mesmo que seja muitas vezes uma poesia de intervenção ou de combate, como diz Jorge de Sena, ao referir “a coragem de combater, julgar, de penetrar em recessos de amor” (Sena, 2019 [1963], p. 94), no poema “Camões dirige-se aos seus contemporâneos”, de *Metamorfoses*.

Essa instrumentalização da poesia de Camões no âmbito escolar era arquitetada dentro dos próprios círculos universitários camonianos portugueses, como se pode ver a partir da consulta ao arquivo Cleonice Berardinelli, depositado no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. Nele encontram-se diversos documentos referentes a um congresso camoniano realizado em Coimbra no ano de 1970, entre os quais: a transcrição de uma conferência de Álvaro Júlio da Costa Pimpão, com marcações manuscritas de Cleonice Be-

rardinelli; a intervenção feita pelo professor brasileiro Segismundo Spina após a conferência de Pimpão; um programa comemorativo do quarto centenário de publicação de *Os Lusíadas* a ser implementado em Portugal e no Brasil; e, por fim, um relatório completo feito por Cleonice Berardinelli acerca do congresso. Inicialmente convidada apenas na condição de “observadora”, assim como os demais professores brasileiros, a professora e ensaísta brasileira anota:

alguns professores brasileiros foram convidados como ‘observadores’ dos trabalhos: o professor Thiers Martins Moreira, da Faculdade de Letras da U.F.R.J. e o Prof. Jordão Emerenciano, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, que não puderam comparecer; o Prof. Celso Cunha, da Faculdade de Letras da U.F.R.J. e atual decano do Centro de Letras e Artes da mesma Universidade; os profs. Antônio Soares Amora e Segismundo Spina, da U.S.P.; o prof. Francisco Casaddo Gomes, da U.F. do Rio Grande do Sul e a signatária deste (a própria Cleonice Berardinelli). Por sugestão de presidentes de sessões, entre os quais a Profa. Maria de Lourdes Belchior Pontes e o Prof. Luís Filipe Lindley Cintra, passamos de “observadores” a participantes (Berardinelli, 1970, fl. 2).

O congresso aprovou um programa de comemorações do quarto centenário da publicação de *Os Lusíadas* e, enquanto no programa brasileiro se fala em ciclos e edições comemorativas, o programa português, entre outros pontos, diz:

15. Prêmios a distribuir a professores do ensino secundário pelos melhores esquemas de lições sobre ‘Os lusíadas’, orientadas no sentido do estudo e apreciação dos aspectos nacionais, artísticos e humanos do poema (Instituto de Alta Cultura, 1970, seção “Programa português”, fl. 2).

Ainda entre os documentos relativos a esse congresso, encontra-se a transcrição da conferência de Álvaro Júlio da Costa Pimpão, que defendia que a epopeia camoniana fosse estudada *pelo* seu “grande valor formativo”, pelo seu “significado nacional”, assim como o próprio poeta devia ser valorizado pelo seu exemplo do “exercício de virtudes militares”. Diz ele: “o valor artístico do poema é grande e merece ser posto em relevo, mas o seu interesse como apologia dos valores de civilização, que orientaram os Portugueses do século XVI é inestimável e permanente” (Pimpão, 1970, fl.1).

A essa conferência o professor brasileiro Segismundo Spina registra algumas objeções, destacando a importância do ensino da lírica camoniana, e, em seguida, a inicialmente observadora convidada Cleonice Berardinelli intervém, como se compreende pelo seu relatório:

com o respeito que me merece o amplo saber do Prof. Pimpão, revelado em sua importante e vasta obra de historiador e crítico da literatura, comecei por discordar do 1º postulado, não porque o negue, mas porque não me parece que o estudo de Camões, mesmo o épico, possa partir de considerações sobre seu valor militar (Berardinelli, 1970, fl. 8).

Num tempo de duas ditaduras – a do regime militar no Brasil e a de Caetano em Portugal –, a professora brasileira vai ousando seu ser, ao referir a importância da lírica camoniana, e não apenas da épica, ao defender que se estudem as relações entre as literaturas portuguesa, brasileira e africana de língua portuguesa, ao propor métodos de ensino baseados no debate e na participação dos estudantes.

É bem possível que tenha sido a experiência desse congresso que tenha feito que Cleonice Berardinelli mostrasse a Jorge Fernandes da Silveira, seu então orientando de doutorado, o exemplar daquela *História de Portugal para a 4ª classe* de triste memória.

E é muito provável também que tenha sido movida pelas conversas com Jorge de Sena sobre Camões que Sophia escreveu o ensaio “Luís de Camões – ensombramento e descobrimento”, que teve sua origem numa conferência de 1977 proferida em Macau e que se transformou num artigo publicado em 1980, já depois da morte de Sena. É ali onde diz:

a poesia é, por sua natureza, o contrário de uma instituição. No entanto, às vezes, acontece que um poeta se torna célebre, e a sua obra e o seu nome passam a ser tratados como instituições. E a Camões aconteceu mesmo não só ter sido transformado em instituição, mas também – e para vergonha de todos nós – ser uma instituição usada e manipulada ao longo dos tempos pelas diversas estratégias do poder (Andresen, [s. d.], p. 151).

No final do mesmo texto, em aparente contradição, diz: “creio profundamente que toda a arte é didáctica, creio que só a arte é didáctica”. Mas a contradição se desfaz quando ela explica:

Camões propõe-nos palavras ditas sílaba por sílaba. Propõe-nos a contínua acusação da surdez, da asfixia, do opaco. Ensina-nos uma atitude de crítica constante. Ensina-nos a procurar a diversidade do mundo em que estamos. Propõe-nos uma imagem exigente de nós próprios que nunca mais nos deixará sossegar (Andresen, [s. d.], p. 164).

Contrapondo-se à instrumentalização que o regime de Caetano fazia, Sophia desloca a lição camonianiana para uma atenção ao peso das palavras, tão corrompidas pelo uso propagandístico que dela fazem as ditaduras, propõe que dela se faça uma leitura ativa, crítica, que pode ser aproximada da que Cleonice Berardinelli propunha aos seus estudantes no Brasil já antes de 1970.

RECEBIDO: 10/03/2025

APROVADO: 17/03/2025

**REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Isabel. Se nenhum amor pode ser perdido: Sophia e Camões. *In: TAVARES, Maria Andresen de Sousa; CENTRO NACIONAL DE CULTURA. Sophia de Mello Breyner Andresen: Actas do Colóquio Internacional*. Porto: Porto Editora, 2013. p. 252-262.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Camões e a tença. *In: ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Antologia*. Lisboa: Moraes, 1975. p. 258. Col. Círculo de Poesia.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Luís de Camões: ensombramento e descobrimento**. *In: ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Poemas escolhidos*. [S.l.]: Círculo de Leitores, [s.d.], p. 149-164. [Primeira publicação: *Cadernos de Literatura*, n. 5, Coimbra, 1980.]

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Obra poética*. Edição de Carlos Mendes de Sousa. 2. ed. Lisboa: Caminho, 2010.

BERARDINELLI, Cleonice. *Relatório do I Encontro dos Professores do Ensino Superior e Secundário de Língua e Literatura Portuguesas*. [Datiloscrito datado de Coimbra de 6-11 de abril de 1970]. Arquivo Cleonice Berardinelli, Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro. [Publicado também na revista *Littera*, nº 1, Rio, Grifo, 1971.]

BOECHAT, Virgínia. Aquele que recebeu em paga: acerca de um Camões na poesia de Sophia. *Abril: Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, v. 3, n. 4, p. 105-115, abr. 2010.

BREYNER, Sophia de Mello; SENA, Jorge de. *Correspondência 1959-1978*. 3. ed. Lisboa: Guerra e Paz, 2010.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Edição organizada por Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora, 1997.

CARVALHO, Pedro de. *História de Portugal para a 4ª classe*. Porto: Porto Editora, s.d.

FERRAZ, Eucanaã. Ouvir o poema, *Relâmpago: Revista de Poesia*, Lisboa, Fundação Luís Miguel Nava, n. 9, p. 31-48, 2001.

INSTITUTO DE ALTA CULTURA. Aprovada a programação comemorativa do IV centenário de “Os lusíadas”. [Datiloscrito datado de Coimbra de 6-11 de abril de 1970]. Arquivo Cleonice Berardinelli, Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro.

PIMPÃO, Álvaro Júlio da Costa. O ensino de Camões, nomeadamente da epopeia, nas universidades, liceus e “leitorados”. (Datiloscrito datado de Coimbra de 6-11 de abril de 1970, com anotações a caneta de Cleonice Berardinelli). Arquivo Cleonice Berardinelli, Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro.

SENA, Jorge de. *Poesia I*. Lisboa: Edições 70, 1961.

SENA, Jorge de. *Poesia II*, Lisboa: Edições 70, 1988.

SENA, Jorge de. *Não leiam delicados este livro: 100 poemas de Jorge de Sena*. Org. Gilda Santos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SILVEIRA, Jorge Fernandes da. *Portugal, maio de Poesia 61*. Lisboa: INCM, 1986.

[SPINA, Segismundo.] Minha intervenção quando do relatório do Pimpão. Arquivo Cleonice Berardinelli, Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro.

### MINICURRÍCULO

**SOFIA DE SOUSA SILVA** é professora de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde atualmente coordena o Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Tem Mestrado e Doutorado pela PUC-Rio, com tese sobre as obras de Sophia de Mello Breyner Andresen e de Adília Lopes. Desenvolveu pesquisa de pós-doutorado na Universidade do Porto, em Portugal; é colaboradora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa; membro da rede de pesquisa Lyra Compoetics e da Cátedra Jorge de Sena para Estudos Luso-Afro-Brasileiros. Publicou *Fernando Pessoa: para descobrir, conhecer e amar* (Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2016) e organizou o volume *Aqui estão as minhas contas: antologia poética*, de Adília Lopes (Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019), no qual publicou também um estudo sobre a obra da autora. Tem centrado seus estudos na poesia portuguesa moderna e contemporânea e publicado artigos em revistas especializadas e capítulos em obras coletivas.